

Opinião do GLOBO

Alta na percepção de corrupção traz custo ao Brasil

Recuo do país em ranking global expõe enfraquecimento de instituições de controle depois da Lava-Jato

O Judiciário — em especial os tribunais superiores — deveria dar atenção à última lista de percepção da corrupção global preparada pela Transparência Internacional. A sensação de um ambiente contaminado por negociações tem custo enorme para a reputação brasileira e afasta empresas e investidores sérios do país. Numa escala em que zero é o cenário menos e cem o mais corrupto, o Brasil ficou com 36 pontos. Caiu dez posições, para o 104º lugar entre 180 países. Merece reflexão o histórico dos últimos dez anos. Em 2014, início da Operação Lava-Jato, eram 43 pontos. De lá para cá, a trajetória, com altos e baixos, foi descendente. Os piores resultados aconteceram em 2018 e 2019, quando a pontuação foi 35, patamar equivalente ao atual.

Medir corrupção é das tarefas mais difíceis. Negociatas são feitas nas sombras justamente para ficarem longe do escrutínio público. Paradoxalmente, um aumento no combate à corrupção pode, com a revelação dos esquemas, contribuir para a percepção de que houve aumento na roubalheira. Um ranking que apenas somasse os valores

descobertos em operações legais penalizaria os países dispostos a combater. Por isso a análise baseada em percepção — de preferência com prazo mais alongado, e medida mais precisa.

O efeito da Lava-Jato foi inquestionável no caso brasileiro. Embora a governança das estatais nunca tenha sido exemplar, a extensão dos desvios na Petrobras despertou incredulidade. Fora do círculo criminoso, poucos imaginavam que estivesse na casa dos bilhões. Com as investigações e condenações, os brasileiros tiveram a esperança de ver criminosos de colarinho branco enfiados com o rigor da lei. Mas os erros do então juiz Sérgio Moro e dos procuradores abriram espaço a um caso-tanque no meio político e no Judiciário. A reação representou um retrocesso que tenta apagar tudo o que veio à tona — e enfraqueceu mecanismos institucionais que disciplinam a relação entre as empresas e o Estado.

A Transparência da uma série de exemplos dessa erosão. Houve, nas palavras do relatório Retrospectiva Brasil 2023, demarche provocada pela "ingerência sistemática" em instituições como Procuradoria-Geral da República, Polícia Federal e Abin. No próprio

Judiciário, a partir da reviravolta dos casos da Lava-Jato no Supremo Tribunal Federal, ficou patente um recuo sistêmico — e não apenas nos processos da Lava-Jato. Talvez os exemplos mais graves tenham sido as ações sob relatório do ministro Dias Toffoli, afirma o relatório. Monocraticamente, ele atendeu a demandas "que tiveram impacto sobre a impunidade de casos de corrupção que figuraram entre os maiores da história mundial". Em setembro, Toffoli anulou todas as provas da delação da Odémec. Em dezembro, sua decisão provisória, suspendeu as parcelas da multa de R\$ 10,3 bilhões que a J&F pagava no âmbito da Operação Greenfield.

As duas medidas, que deveriam ser avaliadas por um colegiado de ministros, dão apenas um exemplo da frustração que se abateu sobre quem virou na Lava-Jato a esperança contra maelas históricas do capitalismo brasileiro. A derrocada no ranking da Transparência não será revertida enquanto a Justiça não demonstrar à sociedade que o respeito — sempre necessário — aos direitos dos réus investigados não equivale à impunidade. Ainda é possível escrever uma história diferente.

Artigos

veronica.globo.com.br/coluna/vera-magalhaes

VERA MAGALHÃES

vera-magalhaes@veronica.globo.com.br



Polarização como vício

Não bastasse o mal que faz ao debate público, o desgaste que causa às instituições de Estado e o risco que representa para a própria democracia, a polarização política virou uma muleta que os dois lados que dela se alimentam passaram a usar para justificar todas as suas mazelas e exigir do público complacência com as inconsistências de seus projetos de governo.

O clã Bolsonaro — investigado em múltiplas frentes por suspeitas que vão de aparelhamento de Estado e tentativa de minar o processo eleitoral, por parte do parlamento e ex-presidente, a traficâncias várias por que são investigados os filhos — coloca tudo no saco da perseguição política do PT, do Judiciário e da imprensa.

Mais: essa sanha incontrolável não estaria voltada apenas à família, mas seria destinada a abater toda a direita e o pensamento conservador, incluindo os cristãos, por meio de uma cruzada religiosa.

Trata-se de uma tática tão surrada quanto ainda eficaz de criar uma cortina de fumaça para fatos de extrema gravidade. A parcela do público que reza segundo o cartilha do bolsonarismo compra de forma acrítica essa explicação, que não se sustenta de pé e funciona como elixir para tudo, de Abin paralela a joias ofertadas por um país ao governo brasileiro e vendidas sorrateiramente.

Qual seria o antídoto para evitar que esse expediente diversionista continuasse vicejando? Que o outro lado da disputa política aposentasse as práticas e restabelecesse no trato da política e da coisa pública parâmetros mais impessoais e racionais de atuação. Mas nem sempre tem sido assim.

O episódio em que a Secom de Lula usou suas redes sociais para atacar em cima da operação que teve Carlos Bolsonaro como alvo mostra que os expedientes usados pelo adversário foram em parte absorvidos pela nova gestão. As farsas o que diz a Constituição quanto aos princípios que devem nortear a administração e a comunicação públicas.

Não bastasse ser antirrepublicano, o uso partidário das redes de um órgão de Estado dessa forma ainda corrobora de modo pouco inteligente o discurso do clã Bolsonaro de que é vítima de perseguição.

O vício na polarização é de tal natureza que não há ninguém para apontar, se não o desvio de finalidade de uma ferramenta pública, ao menos a busca inteligente "sacada". As declarações recentes de Lula também mostram um presidente totalmente capturado pela contraposição com o bolsonarismo, como se apenas isso pudesse ser um projeto de governo capaz de assegurar sua reeleição daqui a três anos. A volta por cima do trumpismo, a vitória de Javier Milei na Argentina e outras rebordosas de países igualmente mergulhados num embate entre antipodas políticas deveriam mostrar o risco de não quebrar esse mal.

O presidente foi aconselhado, ainda na aurora de seu terceiro mandato, a não incorrer na armadilha de trazer o "coiso", como seus ministros se referiam a Bolsonaro, à cena da declaração. Um ano depois, segue fazendo isso e tropeçando em cada casa de banana que o antecessor coloca em seu caminho, como a reação a suas declarações mais recentes, depois de uma live marcada justamente para medir forças num terreno — as redes sociais — onde a polarização redutora é fermentada.

Lula deveria estar cobrando soluções de seus ministros para nós concretos que podem macular sua gestão, e não usando uma conferência sobre educação para dizer que "vai ter polarização" e que ele acha "bom que tenha" nas eleições municipais. O resultado é abrir o flanco para acusações de que a educação é palco de uma guerra ideológica, exatamente como Bolsonaro fez, a um preço altíssimo para o país.

As expectativas de 2024 serão um repeteco da de 2022. Lula contribuiu para manter Bolsonaro forte até 2026. E anabolizado pelo discurso de que as graves acusações que pesam contra ele e seu governo são apenas e tão somente vingança política.

As declarações recentes de Lula mostram um presidente totalmente capturado pela contraposição com o bolsonarismo

É indevido governo ironizar adversário por ação da PF

Referência velada em campanha da dengue faz piada com tema sério e alimenta teorias sem fundamento

É legítima e necessária a ação da Polícia Federal (PF) que investiga a suspeita de que a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) tenha montado um esquema durante o governo Jair Bolsonaro para monitorar clandestinamente parlamentares, ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) e adversários políticos do então presidente. Mas o governo Luiz Inácio Lula da Silva não pode, de forma dissimulada, canalizar oficiais de comunicação para tirar proveito político dela. A conta oficial do governo nunca red socializou ação contra o senador Carlos Bolsonaro (República), um dos alvos da operação da PF na segunda-feira. Depois de um íronico "toc, toc, toc", o perfil oficial escreveu: "Quando os agentes comunitários de saúde baterem à sua porta, não tenha medo, apenas receba-os". Embora falasse de dengue, a indireta era evidente. A PF estava na rua batendo na porta dos Bolsonaro para cumprir mandados de busca e apreensão. O "toc, toc, toc" fazia referência velada a um

discurso da ex-deputada federal Joice Hasselmann, antiga aliada que se transformou em desleixo do clã Bolsonaro. Em 2022, ela cogitou na Câmara uma possível operação contra Bolsonaro com as seguintes palavras: "Seis bilhões da minha, toc, toc, toc, três batidinhas na porta. Al quem está do lado de dentro pergunta: Quem é? A resposta: É a Polícia Federal".

O próprio ministro-chefe da Secretaria de Comunicação Social (Secom), Paulo Pimenta, reconheceu em postagem que a campanha tenta aproveitar "as janelas de oportunidades e fluxos que a comunicação digital precisa considerar". É como se tivesse um trem em alta velocidade passando. Seu chumbo na frente sou atropelado. Seu embarco junto, viujo na velocidade de trem e leve a minha mensagem. A mensagem principal é a dengue, o trem e a pauta do dia", escreveu.

O expediente da campanha dissimulada foi usado em março do ano passado, quando uma postagem da Secom convocou para a declaração do Imposto de Renda perguntava: "É aí, tudo

joia?", alusão ao caso dos presentes recebidos por Bolsonaro que suscitaram outra operação da PF.

Com esse tipo de estratégia de comunicação, o governo erra duplamente. Primeiro, porque o anúncio oportunista prejudica as investigações da PF, já que o uso político reforça a acusação de oposição de que a operação não passa de perseguição a Bolsonaro e a Alexandre Ramagem, ex-diretor da Abin, pré-candidato à Prefeitura do Rio. Segundo, porque o governo faz piada com um assunto sério, a escalada dos casos de dengue, para tripalhar sobre adversários políticos. Em vez de produzir ironias, deveria preocupar-se em desenvolver campanhas para conscientizar a população e evitar mortes.

As suspeitas sobre atividades de uma "Abin paralela" espionando adversários do governo são graves e precisam ser apuradas em toda a extensão. Para que as investigações sejam bem-sucedidas, é fundamental agir com isenção e transparência, sem revanchismo. O governo ajudaria se ficasse calado e deixasse a PF trabalhar em paz.

GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: Jair Bolsonaro Moreira
VICE-PRESIDENTES: Jairo Roberto Moreira e Roberto Moreira, Roberto Moreira

O GLOBO

APRESENTADOR: Jairo Roberto Moreira
DIRETOR GERAL: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira
DIRETOR DE REDAÇÃO: Roberto Moreira

Princípios editoriais do Grupo Globo: <http://globo.com/pt-br/pt-br>

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

EDITORIAL: Roberto Moreira
EDITORIAL: Roberto Moreira

DIRETORIA

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

DIRETORIA: Roberto Moreira
DIRETORIA: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira
VENDEDOR DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira
FALTA COM O GLOBO: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira

PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira
PÚBLICA DE BANCAS: Roberto Moreira</